

João Adolfo Hansen

Marcello Moreira

APRESENTAÇÃO, EDIÇÃO,  
NOTAS E GLOSSÁRIO

Para que todos entendais

Poesia atribuída a

## Gregório de Matos e Guerra

Letrados, manuscritura, retórica,  
autoria, obra e público na Bahia  
dos séculos XVII e XVIII



Volume 5



autêntica

# Resumo de Gregório de Matos - Volume 5

Na Poética, 1449, 5, Aristóteles fala brevemente sobre o cômico: “A comédia é a imitação de homens de qualidade moral inferior, não em toda espécie de vício, mas no domínio do ridículo, que é uma parte do feio.

Porque o ridículo é uma feiura sem dor nem dano; assim, por exemplo, a máscara cômica é feia e disforme sem expressão de dor”. O trecho refere o feio em geral, aiskhrón, para especificar um subgênero dele, gheloion, que a latinidade e autores dos séculos XVI, XVII e XVIII chamaram de ridiculum, ridículo.

O exemplo da máscara teatral sintetiza dois elementos que definem o feio: a deformação inofensiva, que é tratada ironicamente como gheloion, ridículo; a deformação nociva, tratada agressivamente com psógos, maledicência.

Nos dois casos, a definição do cômico como deformação pressupõe o conceito grego e latino do belo-bom como unidade racional sem deformação e mistura. Sensivelmente, a feiura é deformação do belo-bom; moralmente, é vício e, intelectualmente, erro.

A matéria geral dos poemas cômicos do Códice Asensio-Cunha é a feiura física, do corpo, e a feiura moral, da alma. A feiura do corpo corresponde a inumeráveis espécies de deformações e misturas; a da alma divide-se em duas, estupidez e maldade.

Nos poemas, a feiura física metaforiza a feiura moral de vícios fracos, ridicularizados, e vícios fortes, vituperados com maledicência.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)